

KATE HEWITT
Regresso ao palácio

MELANIE MILBURNE
Noiva inocente

o
rina[®]
so
s

Editado por Harlequin Ibérica.
Uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid

© 2020 Harlequin Ibérica, uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
N.º 105 - novembro 2020

© 2009 Kate Hewitt
Regresso ao palácio
Título original: Royal Love-Child, Forbidden Marriage
Publicado originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd.

© 2009 Melanie Milburne
Noiva inocente
Título original: Bound by the Marcolini Diamonds
Publicado originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd.
Estes títulos foram publicados originalmente em português em 2010

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor, incluindo os
de reprodução, total ou parcial.

Esta edição foi publicada com a autorização de Harlequin Books S.A.
Esta é uma obra de ficção. Nomes, caracteres, lugares e situações são produto
da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança
com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos de negócios (comerciais),
acontecimentos ou situações são pura coincidência.

® Harlequin e logótipo Harlequin são marcas registadas propriedades de
Harlequin Enterprises Limited.

® e ™ são marcas registadas por Harlequin Enterprises Limited e suas filiais,
utilizadas com licença.

As marcas em que aparece ® estão registadas na Oficina Española de Patentes
y Marcas e noutros países.

Imagem de portada utilizada com a permissão de Dreamstime.com

I.S.B.N.: 978-84-1375-271-6

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

Sumário

[Créditos](#)

[Regresso ao palácio](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Epílogo](#)

[Noiva inocente](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Se gostou deste livro...](#)

Regresso ao palácio

KATE HEWITT
Regresso ao palácio



Capítulo 1

- Quanto?

Phoebe Wells olhou para o homem que estava à frente dela e que a observava com os olhos semicerrados, estudando-a. Tinha o cabelo ligeiramente despenteado, os dois primeiros botões da camisa desabotoados, revelando uma pele dourada.

- Quanto? - repetiu ela.

A pergunta não fazia sentido. Quanto, o quê? Nervosa, apertou a alça da mala. Enquanto dois agentes do governo a «acompanhavam» até à sala, tinha tido de fazer um esforço para não perguntar se estava presa. Na verdade, tinha tido de fazer um esforço para não começar a gritar.

Não lhe tinham dado explicação alguma, nem sequer tinham olhado para ela enquanto a levavam até uma das salas do palácio para a fazerem esperar durante vinte minutos aterradores, antes que aquele homem, Leo Christensen, o primo de Anders, aparecesse.

E agora estava a perguntar-lhe «Quanto?» e ela não sabia a que se referia.

Oxalá Anders estivesse ali... Oxalá não a tivesse deixado sozinha para sofrer o desprezo daquele primo, o homem que acabava de dar um passo em frente para se pôr à frente dela, alto como uma torre. Oxalá, pensou, com o pulso acelerado, o conhecesse melhor.

- Quanto dinheiro, menina Wells? - esclareceu-lhe, então, Leo Christensen. - Quanto dinheiro é preciso para que

deixe o meu primo em paz?

A surpresa deixou Phoebe gelada por um momento, mas recuperou a calma em seguida. Deveria ter esperado aquilo. Ela sabia que a família Christensen, a família real de Amarnes, não desejava que uma simples rapariga americana tivesse uma relação com o herdeiro do trono.

Claro que não sabia isso quando o conhecera num bar de Oslo. Tinha pensado então que era um rapaz normal, ou tão normal como poderia ser um homem como Anders. Loiro, encantador, com uma confiança em si mesmo e uma simpatia que atraía a atenção de todos. E, inclusive agora, sob o olhar irónico de Leo Christensen, agarrava-se a essa lembrança, sabendo que o amava e que ele a amava também.

Mas onde estava? Não saberia que o seu primo estava a tentar chantageá-la?

Phoebe obrigou-se a olhar para ele nos olhos.

- Receio que não tenha dinheiro suficiente.

- Tente - disse ele. - Diga-me uma quantia.

- Não tem dinheiro suficiente porque não há dinheiro suficiente no mundo, senhor Christensen - replicou ela.

- Excelência, na verdade. O meu título oficial é de duque de Larsvik.

Phoebe engoliu em seco, recordando com que tipo de gente estava a lidar. Gente rica, poderosa, membros de uma família real. Gente que não a queria ali... mas Anders queria-a. E isso era mais do que suficiente.

Quando Anders dissera que queria apresentá-la aos seus pais, Phoebe não sabia que se tratava do rei e da rainha de Amarnes, um reino numa ilha na costa da Noruega. E também daquele homem, um homem que reconhecia porque já o tinha visto inúmeras vezes nas revistas cor-de-rosa, normalmente como protagonista de algum drama sórdido que incluía mulheres, carros desportivos e casinos... ou as três coisas ao mesmo tempo.

Anders tinha-lhe falado de Leo, tinha-a advertido contra ele e, depois de alguns minutos de conversa, Phoebe acreditava em tudo o que lhe dissera.

«É uma má influência. A minha família tentou mudá-lo, mas ninguém pode ajudar Leo.»

E quem iria ajudá-la a ela?, perguntou-se Phoebe. Anders tinha falado dela aos seus pais à noite, a sós. E, evidentemente, essa conversa não tinha corrido como esperava. De modo que tinham enviado Leo, a ovelha negra da família, para lidar com ela... com o problema.

Phoebe abanou a cabeça, tentando controlar os nervos.

- Muito bem, Excelência. Mas já lhe disse que não há dinheiro suficiente no mundo para que deixe Anders.

- Ah, que admirável! Então, é amor verdadeiro?

Phoebe engoliu em seco. Pela sua expressão irónica, parecia achar que o que havia entre ela e Anders era uma coisa sórdida, barata.

- Sim, é.

Leo enfiou as mãos nos bolsos das calças enquanto se aproximava da janela, para olhar para a praça do palácio de Amarnes. Era uma manhã clara, ensolarada, com algumas nuvens dispersas sobre a capital de Amarnes, Njardvik. E as estátuas de bronze de duas águias, o símbolo do país, brilhavam sob o sol.

- Há quanto tempo conhece o meu primo?

- Há dez dias.

- Dez dias...

Leo virou-se, arqueando um sobrolho, e Phoebe sentiu que lhe ardiam as faces. Dez dias era muito pouco tempo. Inclusive, soava ridículo, mas Anders e ela estavam apaixonados. Tinha-o sabido quando ele olhara para ela naquele bar... e, no entanto, agora, sob o olhar cor de âmbar daquele homem, dava-se conta de que dez dias não eram nada.

Mas o que lhe importava o que pensava Leo Christensen? Ele era um homem que procurava prazeres, vícios. E,

estando tão perto, notava qualquer coisa mais obscura nele, qualquer coisa perigosa.

- E acha que dez dias são suficientes para se conhecer alguém, para se saber que se está apaixonado?

Phoebe encolheu os ombros. Não ia defender o que sentia por Anders ou o que ele sentia por ela.

- Imagino que se dê conta - continuou Leo - de que, se se casasse com ele, seria a rainha de Amarnes. E isso é algo que este país não está disposto a aceitar.

- Não terão de o fazer - disse Phoebe. A ideia de se tornar rainha era aterradora. - Anders disse-me que pensava abdicar.

- Abdicar? - repetiu Leo. - Ele disse-lhe isso?

- Sim.

- Então, nunca será rei.

Phoebe não pensava deixar que aquele homem a fizesse sentir-se culpada.

- Anders não quer ser rei...

Leo soltou uma gargalhada.

- Não quer ser rei, quando é a única coisa que sabe, a única coisa que conhece? Prepararam-no para isso desde que nasceu, menina.

- Ele disse-me...

- Anders não sabe o que quer - interrompeu-a Leo.

- Agora, sim, sabe - defendeu-o Phoebe, com mais determinação da que sentia na verdade. - Anders ama-me.

Tinha parecido tão infantil, tão pouco credível...

Leo olhou para ela um momento, a sua expressão era perigosamente neutra.

- E você ama-o?

- Claro que sim! - respondeu Phoebe, apertando a alça da mala para se agarrar a alguma coisa.

Onde estaria Anders?

Aquela sala, com as cortinas de veludo e as antiguidades, era opressiva, asfixiante. Poderia ir-se embora dali?, perguntou-se. Tinha consciência de ser uma estrangeira e

estava à frente de um homem com autoridade, que, sem dúvida, a usaria para levar a sua avante.

Saberia Anders que Leo estava a falar com ela? Porque é que não a tinha procurado? Porque é que não estava ao seu lado como deveria? Desde que anunciara a sua relação à família, tinha desaparecido e Phoebe começava a duvidar.

- Ama-o o suficiente para viver no exílio durante o resto da sua vida?

- Exilado de uma família que não o aceita, nem o ama - replicou ela. - Anders nunca quis ser rei, nunca quis nada disto... - Phoebe assinalou à sua volta.

- Sim, claro - murmurou Leo, virando-se novamente para a janela. - Dez mil dólares serão suficientes? Ou cinquenta mil?

Phoebe levantou-se, uma onda de raiva substituiu o medo.

- Já lhe disse que não há dinheiro suficiente...

- Phoebe - Leo virou-se para olhar para ela, tratando-a por tu pela primeira vez. - Achas realmente que um homem como Anders poderia fazer-te feliz?

- E como é que homem como o senhor poderia saber isso? - replicou ela.

- Um homem como eu? O que queres dizer com isso?

- Anders falou-me de si... e sei que não sabe nada sobre o amor. Só lhe importa divertir-se e que ninguém o incomode, portanto, imagino que eu seja um estorvo.

- Poderia dizer-se que sim - assentiu ele. Por um segundo, Phoebe perguntou-se se o teria ferido com as suas palavras... Não, impossível. Leo estava a sorrir; um sorriso muito desagradável, aterrador. - É um inconveniente, certamente. Mas o que teria acontecido se tu e eu nos tivéssemos conhecido antes de teres conhecido Anders?

Phoebe olhou para ele, perplexa.

- Nada - respondeu, nervosa. O que tinha querido dizer com aquilo?

Era indiferente, não pensava deixar-se intimidar. Decidida, levantou o olhar para os botões da sua camisa e para o seu pescoço, onde se via a sua pulsação, e sentiu um formigueiro interior... um formigueiro de desejo.

E sentiu que lhe ardiam as faces de vergonha.

Leo levantou uma mão para afastar o cabelo da sua cara e Phoebe deu um salto.

- Tens a certeza?

- Sim.

Mas, naquele momento, não a tinha e ambos sabiam disso. Não deveria afectá-la daquela forma se amava Anders, pensou.

Amá-lo-ia?

- Estás muito segura de ti mesma - disse Leo, então, tocando no seu pescoço com um dedo.

Phoebe deixou escapar uma exclamação de... Surpresa? Indignação?

De prazer?

Afastou-se, mas ainda conseguia sentir o calor daquele dedo.

- Phoebe!

Lançando novamente uma exclamação, desta vez, de alívio, Phoebe virou-se para a porta para ver Anders, que tinha aparecido como o deus Baldur do mito norueguês.

- Ando há uma hora à tua procura por toda a parte. Ninguém me dizia onde estavas...

- Estava aqui - disse ela, apertando as suas mãos, - com o teu primo.

Anders olhou para Leo e o rosto obscureceu-lhe, não sabia se de raiva ou talvez de ciúmes. Mas Leo olhava para o primo com total frieza, quase com ódio. E Phoebe recordou então o final do mito norueguês que tinha lido durante a sua viagem até à Escandinávia: Baldur fora assassinado pelo seu próprio irmão gémeo, Hod, o deus da escuridão e do Inverno.

- Para que querias ver Phoebe, Leo? - perguntou-lhe, com tom frio, quase petulante.

- Para nada - o seu primo sorriu, abrindo os braços num gesto universal de inocência. - Está claro que te ama a sério - acrescentou, com um sorriso que negava as suas palavras.

- É claro que sim - afirmou Anders, passando-lhe um braço pelos ombros. - Não sei porque é que quiseste falar com ela, mas deves saber que estamos decididos a casar-nos...

- E tal determinação é admirável - interrompeu-o Leo. - Di-lo-ei ao rei.

A expressão de Anders endureceu, mas parecia mais a expressão de um menino zangado do que a de um adulto.

- Faz o que quiseres. Se o meu pai quer que me convenças a não me casar...

- Evidentemente, não posso fazer nada.

- Nada - repetiu Anders, virou-se para Phoebe. - Está na hora de nos irmos embora, querida. Não há nada para nós aqui. Podemos apanhar o *ferry* para Oslo e depois, o comboio até Paris.

Phoebe assentiu, aliviada. Sabia que deveria sentir-se feliz, entusiasmada...

E, no entanto, enquanto saíam da sala, com o braço de Anders sobre os seus ombros, sentia o olhar penetrante de Leo cravado nas suas costas e aquela emoção estranha que ele emanava e que parecia estranha... quase um olhar de pesar.

Capítulo 2

Seis anos depois

Estava a chover em Paris, uma chuva que tingia de cinzento os convidados do funeral real e que tornava imprecisas as imagens de televisão.

Embora Phoebe não conhecesse ninguém da família real de Amarnes... salvo Leo. Inclusive agora, continuava a inquietá-la recordar o olhar que lhes tinha lançado enquanto saíam do palácio. Esse fora o último contacto de Anders com a sua família e com o seu país.

Seis anos antes... Parecia-lhe uma eternidade. Certamente, mais de uma vida vira-se afectada pelo rumo dos acontecimentos.

- Mamã? - Phoebe virou-se para olhar para o seu filho de cinco anos, que olhava para o ecrã, com o sobrolho franzido. - O que estás a ver?

- Nada, só...

Como podia explicar ao menino que o seu pai, o pai que não conhecera, tinha morrido? Não significaria nada para Christian, que tinha aceitado muito tempo antes que não tinha um papá. Não precisava de um e era muito feliz com a sua mãe, os seus parentes, os seus amigos e a sua escola em Nova Iorque.

- O quê? - insistiu o seu filho.

- Estava a ver uma coisa, só isso - Phoebe sorriu, levantando-se do sofá para o abraçar. - Não é hora de

jantar?

- Sim!

Do outro lado da janela do seu apartamento de Greenwich Village brilhava o sol. No entanto, enquanto tirava uma caçarola do armário e o seu filho lhe contava qualquer coisa sobre um novo super-herói ou super-robô, Phoebe não deixava de pensar no funeral.

Anders, o seu marido durante um mês, tinha morrido.

Phoebe abanou a cabeça, incapaz de sentir mais do que pena por um homem que tinha aparecido e desaparecido da sua vida com a mesma brusquidão. Anders tinha demorado muito pouco tempo a dar-se conta de que aquilo não passava de uma aventura passageira e Phoebe tinha entendido também como era superficial e caprichoso o homem por quem se achara apaixonada. E, no entanto, aquele breve romance dera-lhe algo que não tinha preço: Christian.

- Eu gosto mais dos verdes... - Christian puxou a sua manga. - Mamã, estás a ouvir-me?

- Sim, querido - Phoebe sorriu.

Devia deixar de recordar o passado, disse para si. Há anos que não pensava em Anders, mas o funeral tinha-lhe despertado lembranças daquele tempo... e da reunião horrível com Leo no palácio. Inclusive agora, recordava o olhar frio daquele homem, como lhe tinha tocado e a resposta surpreendente que aquele contacto tinha provocado.

Atónita, Phoebe deu-se conta de que estava a pensar em Leo e não em Anders, que se tinha tornado uma imagem imprecisa para ela, como uma fotografia antiga. No entanto, Leo... recordava-o tão claramente como se estivesse a vê-lo naquele instante.

Phoebe olhou para a cozinha do seu modesto, mas cómodo, apartamento, quase como se conseguisse ver Leo entre as sombras. E depois riu-se, pensando que era uma

tolice. Leo Christensen estava a milhares de quilómetros de distância.

Anders e ela tinham-se separado pouco depois de Leo lhe ter oferecido dinheiro e nunca mais tinha voltado a vê-lo. Depois da sua ruptura, Phoebe tinha ido para Nova Iorque com Christian, para começar novamente com o apoio da sua família e dos seus amigos.

- Sabes uma coisa? Hoje, não me apetece cozinhar. Apetece-te uma piza?

- Sim! - gritou o seu filho, saindo a correr da cozinha.

Phoebe foi atrás dele para ir buscar os casacos, mas parou, surpreendida, ao ver Christian à frente da televisão. Estava a olhar para o desfile de dignitários e de familiares por uma avenida parisiense famosa, para a bandeira com as duas águias a cobrir o caixão...

- Está um morto lá dentro?

Ela engoliu em seco.

- Sim, querido, é um funeral.

- Porque está a dar na televisão?

- Porque era um príncipe.

- Um príncipe? - repetiu Christian. - Um a sério?

- Sim, um a sério - a sua mãe sorriu.

Não ia dizer-lhe que Anders tinha abdicado e que era o seu pai, é claro. Sempre tinha querido que o menino soubesse a verdade, mas ainda não tinha chegado o momento. Além disso, Christian sabia o mais importante: que a sua mãe o amava acima de tudo.

De modo que desligou a televisão, cortando de repente as palavras do jornalista.

«O príncipe de Amarnes conduzia sob os efeitos do álcool... A sua acompanhante, uma modelo francesa, teve morte imediata ao seu lado.»

- Vamos, filho. Hora de jantar.

Estavam prestes a sair quando a campainha tocou e depois ouviu duas pancadinhas secas na porta. Christian e Phoebe olharam um para o outro. Que curioso, pensaria ela

depois, que tivesse parecido aos dois uma coisa estranha. Duas pancadas secas, seguidas, não como as pancadinhas da sua vizinha, a senhora Simpson.

Duas pancadas que soavam como uma advertência e, por alguma razão, ambos o tinham intuído.

- Eu abro! - gritou Christian, finalmente, correndo para a porta.

- Não, espera - Phoebe segurou-o. - Já te disse que nunca debes abrir a porta sem perguntar quem é, filho.

Quando abriu a porta, sentiu um aperto no coração ao ver dois homens de fato escuro. Tinham a expressão neutra de funcionários do governo. De facto, tinham sido homens como aqueles que a tinham levado até à sala do palácio, seis anos antes.

- *Madame* Christensen?

Era um nome que Phoebe não ouvia há muito tempo, porque usava o seu apelido de solteira desde que se separara de Anders. Mas a presença daqueles homens e aquele apelido levaram-na novamente ao palácio de Amarnes...

Inclusive agora, conseguia sentir a presença de Leo, o toque daquele dedo no seu pescoço. Inclusive agora, seis anos depois, recordava o fascínio que tinha sentido por ele, o seu corpo traíndo-a da maneira mais inesperada.

- O meu nome é Phoebe Wells.

O homem ofereceu-lhe a mão e ela apertou-a, em silêncio, afastando a sua em seguida.

- O meu nome é Erik Jensen. Somos representantes de Sua Majestade, o rei Nicholas de Amarnes. Importa-se de ir connosco?

- Mamã...

Phoebe viu que o seu filho estava assustado. Como ela se assustara seis anos antes. Mas então era muito jovem, agora era uma mulher madura, mais forte.

- Não penso ir a lado nenhum.

- *Madame* Christensen...

- Porque está a chamar assim a minha mamã? - perguntou-lhe Christian.

- Peço desculpa - desculpou-se Jensen. - Seria melhor que viesse connosco, senhora Wells. O cônsul de Amarnes espera-a e...

- Eu não tenho nada para falar com o cônsul - interrompeu-o ela. - De facto, qualquer relação acabou há seis anos.

Quando Anders assinara os papéis de abdicação nenhum membro da família dissera uma palavra, ninguém os tinha acompanhado, ninguém se despedira deles. Tinham saído do palácio como duas sombras.

- As coisas mudaram - disse Jensen. - E é necessário que fale com o cônsul, senhora Wells.

«As coisas mudaram.» Uma frase tão inócua como sinistra. Christian agarrou-se à sua perna e Phoebe enfureceu-se com os homens que assustavam o seu filho.

- Ouça, já lhe disse...

- Mamã, quem são estes senhores?

- Não te preocupes, filho - disse ela, tentando sorrir.

Porque estavam ali aqueles homens? Porque queriam que falasse com o cônsul de Amarnes?

Mas não havia razão para se assustar, disse para si. E, no entanto, enquanto tentava convencer-se disso, uma garra parecia apertar o seu coração. Sabia que a família real de Amarnes era capaz de muitas coisas. Tinha visto como viravam as costas a Anders sem piedade alguma, tinha-o visto nos olhos frios de Leo.

- Mamã...

- Explico-te depois, querido. Mas não precisas de ter medo. Estes senhores querem falar comigo, mais nada. Porque não vais ter um pouco com a senhora Simpson?

Christian franziu o nariz.

- O seu apartamento cheira a gatos. E eu quero estar contigo.

- Eu sei, mas... - Phoebe acariciou o cabelo do seu filho, ainda tão suave como o de um bebê. - Está bem, podes vir comigo.

Não devia assustar-se. Ela tinha feito a sua vida em Nova Iorque e não tinha de dar explicações a ninguém.

Iria ao consulado de Amarnes e depois esqueceria o assunto para sempre.

- Muito bem - disse, finalmente, olhando para Jensen.

Phoebe deu a mão a Christian, que devia estar realmente assustado porque não se soltou como fazia sempre, e olhou para os agentes do governo, que estavam à porta como corvos.

- Vou buscar algumas coisas, esperem um minuto. Mas gostaria de resolver o que tenho a resolver o mais depressa possível, porque tenho de dar de jantar ao meu filho.

O silêncio dos dois homens, pensou Phoebe, era tão sinistro como eloquente.

Só demorou um minuto a guardar alguns brinquedos num saco e depois seguiu os homens pela escada. A senhora Simpson saiu para o patamar de robe, olhando para eles com cara de surpresa.

- Phoebe, passa-se alguma coisa?

- Não, está tudo bem, senhora Simpson - ela tentou sorrir. - Voltamos já.

Um carro preto com os vidros fumados esperava na rua e outro homem, também vestido de preto, saiu para lhes abrir a porta.

E, quando se fechou, Phoebe perguntou-se se estaria a cometer o maior erro da sua vida ou se estaria a ser exageradamente melodramática.

Assinaria um papel, renunciando a tudo o que pudesse corresponder-lhe pelo seu casamento com Anders, e depois voltaria para casa, dizia a si mesma.

O sol começava a pôr-se, tingindo os edifícios de Greenwich Village de um tom dourado, enquanto o carro

deslizava pelas ruas, diante de *boutiques* elegantes e esplanadas, naquela tarde fria de Novembro.

Passaram à frente do edifício das Nações Unidas e, finalmente, o carro parou à frente de um edifício com a bandeira de Amarnes.

Phoebe saiu do carro, de mão dada Christian, e seguiu os dois homens. O interior parecia mais uma mansão do que um consulado, com cortinas de seda e antiguidades a decorarem o hall, os seus passos silenciados por um tapete Aubusson.

Uma mulher de fato escuro e cabelo loiro aproximou-se então deles.

- *Madame* Christensen, estão à sua espera - anunciou, olhando depois para Christian. - Eu posso ficar com o menino...

- Ninguém vai ficar com o meu filho - interrompeu-a Phoebe.

A mulher olhou para os homens, confusa.

- Há um quarto lá em cima, com brinquedos e uma televisão. Talvez fosse melhor... - começou a dizer Jensen.

Phoebe mordeu o lábio. Deveria ter deixado Christian com a senhora Simpson, pensou. Mas não tinha querido afastar-se do menino e não queria fazê-lo agora. Embora também não quisesse que Christian presenciasse uma discussão desagradável com um funcionário sobre as posses de Anders.

- Muito bem - disse, finalmente. - Mas quero que mo devolvam dentro de quinze minutos.

- Está bem.

- Christian, importas-te de ficar um bocadinho com esta senhora? Eu tenho de falar com uma pessoa, mas só demorarei alguns minutos.

- Está bem - disse o menino.

A mulher agarrou Christian pela mão e levou-o até uma escada de mármore, enquanto Jensen lhe indicava que o seguisse.

- Por aqui, por favor.

Levou-a até uma sala cheia de retratos, com o símbolo do país por toda a parte, do tapete aos copos sobre um móvel elegante.

- Quer um café, um chá?

- Não, não quero nada, obrigada. Só quero falar com quem tenho de falar e voltar para a minha casa o quanto antes.

Jensen assentiu.

- Espere aqui, por favor.

Phoebe olhou à sua volta quando ficou sozinha. Aquilo parecia-se tanto com o que acontecera seis anos antes... Mas então deixara-se manipular, agora não o faria. Ela não queria o dinheiro de Anders. Não tinha querido nada dele quando estavam juntos e não o queria agora. Assinaria o maldito papel e voltaria para a sua casa.

Quando ouviu que a porta se abria, engoliu em seco, receando virar-se para ver a pessoa que acabara de entrar.

Porque, naquele momento, soube, como tinha sabido quando ouvira as pancadas na porta da sua casa, que a sua vida estava prestes a mudar para sempre.

E porque sabia, pelo frio que sentia no coração, que quem a esperava não era um simples funcionário. Phoebe sabia, inclusive antes de se virar, quem tinham enviado a Nova Iorque para lidar com ela, um inconveniente, um estorvo outra vez.

Virou-se devagar, com o coração a pulsar a toda a velocidade, rezando para estar enganada, para que, depois de todos aqueles anos, não fosse ele...

Mas era ele.

À porta, com um sorriso irónico nos lábios e aqueles olhos gelados que Phoebe recordava tão bem, estava Leo Christensen.

Capítulo 3

- O que...? - a exclamação escapou dos seus lábios, sem que conseguisse evitá-lo. - O que está a fazer aqui? - perguntou-lhe depois, fazendo um esforço para se acalmar.

Leo arqueou um sobrolho e deu um passo em frente, fechando a porta atrás dele.

- Não é este o consulado de Amarnes?

- Então suponho que o que devo perguntar é o que faço eu aqui.

- Essa, sim, é uma pergunta interessante - murmurou Leo, com aquela voz fria e, ao mesmo tempo, tão sedutora.

Não tinha mudado nada, pensou Phoebe. Os mesmos olhos cor de âmbar que pareciam gozar com ela, a mesma segurança em si mesmo e aquela aura tão sensual, inclusive vestido com um fato escuro.

- Como chegou aqui? Vi o funeral pela televisão, em Paris.

- O funeral foi esta manhã. E depois apanhei um avião para vir para aqui.

- Sou assim tão importante?

- Não - respondeu Leo, aproximando-se de uma mesa com copos e garrafas. - Posso oferecer-lhe um copo? Xerez, conhaque?

- Não quero uma bebida - respondeu ela. - Quero saber porque estou aqui e depois quero ir para casa.

- Para casa - repetiu Leo, servindo-se de um copo de conhaque. - E onde é a sua casa exactamente?

- O meu apartamento...

- Um apartamento de um só quarto, num edifício de segunda...

- Não recorde ter pedido a sua opinião a esse respeito - interrompeu-o Phoebe, recusando-se a deixar-se insultar. - Além disso, pensei que tinha vindo assinar algum papel...

- Um papel? - repetiu Leo. - Que tipo de papel?

- Não sei, eu não vim aqui de livre vontade. Uns homens foram buscar-me a casa - disse ela, com os dentes apertados. - Pensei que teria de assinar um papel renunciando às posses de Anders.

- Anders tinha posses?

- Nunca pareceu ter problemas de dinheiro.

- Ah, sim, gastava muito dinheiro, mas não era dele, senão do seu pai, o rei Nicholas - Leo bebeu um gole de conhaque. - Na verdade, Anders não tinha um cêntimo em seu nome. Estava na ruína.

- Entendo - murmurou Phoebe. Embora não fosse verdade, não entendia. Se Anders não tinha dinheiro, o que fazia ela ali?

- Não sei se entende - murmurou Leo.

- O que quer de mim, que assine um papel a garantir não contar a minha história à imprensa?

- As suas memórias seriam... comprometedoras?

Phoebe ficou furiosa. Furiosa e assustada... e não era uma boa combinação.

- Diga-me de uma vez por todas o que estou a fazer aqui... Excelência.

- Na verdade, o meu título agora é de Alteza. Desde que Anders abdicou, eu sou o herdeiro ao trono.

Phoebe ficou perplexa. Não sabia que Leo era o herdeiro ao trono de Amarnes. Claro que não havia mais ninguém... Anders e Leo eram filhos únicos, por isso tinham sido criados como irmãos.

Pela segunda vez, recordou o mito de Hod e Baldur. Gémeos, um moreno, o outro loiro. Um bom, o outro mau.

Salvo que agora sabia que tipo de pessoa fora Anders e ninguém poderia dizer que fora bom. Também não fora mau, apenas egoísta, superficial, egocêntrico.

- O que quer de mim? Prefiro que me diga claramente para poder ir para casa. O meu filho está à espera e é a hora do seu jantar.

Palavras valentes, embora ela não se sentisse muito valente naquele momento. Quanto mais tempo permanecia na companhia de Leo, a suportar o peso do seu silêncio, mais sentia que estava a pô-la à prova.

- Não quero nada de si em particular - replicou Leo, com frieza. - Mas o meu tio, o rei Nicholas, sofreu muito por causa de Anders.

- Sim, claro - murmurou Phoebe, olhando para a janela. Fizera-se de noite e estava cada vez mais inquieta. - Mas eu tenho de ir e quero ver o meu filho.

- O menino está lá em cima, com Nora, mas pedir-lhe-ei que o traga assim que tivermos acabado de falar.

- Ouça, eu compreendo o sofrimento do rei, mas o passado é o passado e não se pode mudar. E, francamente, nada disto tem a ver comigo.

- Tem a certeza?

Phoebe engoliu em seco. Aquelas palavras, pronunciadas com a sua frieza típica, foram como um balde de água fria. De repente, desejava não ter vindo ao consulado. Quase desejava nunca ter conhecido Anders.

- Tenho a certeza - disse-lhe, no entanto. - Suponho que saiba que Anders e eu não nos víamos há muito tempo. Separámo-nos um mês depois de nos termos casado e praticamente divorciámo-nos...

- Praticamente? - interrompeu-a Leo. - Pediram o divórcio oficialmente ou não?

Um receio inexplicável instalou-se no seu estômago.

- Não, mas...

O que podia dizer?

- Mas, o quê? Não quis cortar totalmente com ele? Não quis afastar-se totalmente de um homem como Anders? - Leo deu um passo em frente e Phoebe descobriu que não conseguia mexer-se. Estava como que hipnotizada pelo brilho dos seus olhos, por aquela emoção profunda que tinha intuído nele quando o conhecera. Agora, estava tão perto como então, quando lhe acariciara o pescoço com um dedo. - Esperavas que voltasse para ti, Phoebe?

Ela pestanejou várias vezes, obrigando-se a reagir. Aquele comentário estava tão longe da verdade... e, no entanto, a verdade era algo que não queria contar-lhe.

- Não, claro que não. E que Anders e eu nos tenhamos divorciado ou não, não lhe diz respeito.

- Na verdade, diz - disse Leo.

- Não diz respeito a ninguém que nos casássemos - recordou-lhe ela, cravando as unhas nas palmas das mãos - portanto, não vejo porque diria o divórcio. E já estou farta deste jogo, Alteza. Talvez o divirta, mas eu tenho outras coisas para fazer. Não tenho nada para lhe dizer a si, nem a ninguém de Amarnes...

- Phoebe...

- Eu não lhe dei permissão para me tratar por tu!

Leo inclinou a cabeça para trás, quase como se o tivesse esbofeteado.

- Mas somos parentes... ou quase.

- Não somos parentes absolutamente, Alteza.

- Mas isso - disse Leo então, deixando o seu copo sobre a mesa - está prestes a mudar.

Estava a tentar assustá-la, pensou, mas não ia deixar que o fizesse. Podia ser um príncipe e ter todo o dinheiro do mundo, mas ela tinha o seu filho, as suas lembranças e a força que lhe dava ter seguido em frente sozinha durante aqueles seis anos. E não deixaria que aquele homem lhe arrebatasse nada disso.

- Porque não o dizes claramente, em vez de tentares assustar-me, Leo? Porque aviso-te que não está a resultar.

Para que me trouxeste aqui?

- Era o desejo do rei - respondeu ele.

- Porquê?

- O rei Nicholas lamenta muito ter-se afastado de Anders. Suponho que sempre tenha sido assim, mas só se deu conta quando o perdeu por completo.

Estava a sorrir e Phoebe perguntou-se que tipo de homem sorria enquanto falava da dor de um pai. Mas sabia a resposta: um homem como Leo Christensen.

- Como te disse antes, tudo isso não tem nada a ver comigo.

- Contigo, talvez não, mas sim com o teu filho - Leo fez uma pausa, deixando que a frase pesasse com toda a sua gravidade. - O neto do rei.

Phoebe não disse nada. Não lhe ocorria nada para dizer, de modo que se virou para a janela como se lá conseguisse encontrar as respostas que procurava. Mas só via um borrão. Ao princípio, pensou que tinha começado a chover... depois, deu-se conta de que tinha os olhos cheios de lágrimas.

Mas respirou fundo, enchendo-se de coragem. A última coisa que desejava era que Leo a visse a chorar, porque tinha a certeza de que usaria essa fraqueza contra ela.

E, no entanto, não estava surpreendida. A família real de Amarnes não ia deixá-la em paz, não iam deixar Christian em paz. Não tinham mostrado o mínimo interesse pelo menino enquanto Anders era vivo, mas agora que tinha morrido...

O seu filho era tudo o que lhes restava dele. Mas era seu filho, de mais ninguém.

Ia voltar-se para lho dizer, mas, de repente, Leo estava ali, ao seu lado, como uma sombra. Foi uma surpresa inesperada, como a mão que pôs sobre o seu ombro, o calor dos dedos dele a atravessar o tecido do casaco.

- Lamento.